

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



VISSAIUM. A IDADE DO FERRO EM VISEU

Nádia Figueira / nfigueira@arqueohoje.com

Carla Santos / csantos@arqueohoje.com

Sónia Cravo / scravo@arqueohoje.com

RESUMO

Viseu carece ainda hoje de dados essenciais que possam colmatar hiatos na evolução da sua história. No entanto, e graças ao progressivo aumento do número de intervenções na malha urbana, sentidas desde 1997, no âmbito das imposições legais referentes ao Centro Histórico, começa-se a delinear um esquema evolutivo da cidade, alicerçado em dados arqueográficos. Efectivamente, hoje podemos falar da ocupação proto-histórica de Viseu, aspecto apenas seguro na bibliografia da viragem deste milénio.

É precisamente com esse espírito de divulgação tão necessário para a compreensão do processo histórico, que apresentamos alguns resultados obtidos em intervenções de carácter preventivo efectuado na malha urbana de Viseu. Os dados foram seleccionados de acordo com a sua cronologia, dando apenas a conhecer os resultados essenciais da ocupação do povoado da Idade do Ferro, com base nos resultados obtidos através de intervenções arqueológicas efectuadas pela Arqueohoje, traduzindo-se num conjunto de espaços de carácter doméstico, económico e defensivo.

ABSTRACT

Viseu, nowadays, still in need of essential information that may help to close the gap and fill in the lack of information about its historical evolution. However, thanks to the increase of the number of interventions in the urban tissue, felt since 1997, in relation to the legislation of the historical center, it starts to develop a city's evolution plan, based on archaeological data. Actually, we may talk about Viseu's proto-historical occupation, issue only ensured in the bibliography of the turn of the Millennium.

It is precisely with that sense of diffusion so needed to the comprehension of the historical process, that we would like to present some of the results obtained in preventive interventions that occurred in Viseu's urban tissue. The information was selected according to its chronology, showing only the results of the occupation of the Iron Age populated, which was possible through archaeological interventions made by Arqueohoje, which result in a set of domestic, economic and defensive places.

ENQUADRAMENTO DO SÍTIO

Envolvido numa paisagem de configuração regular e aplanada a que o despontar de altas colinas e o encaixe das linhas de água conferem movimento, o Morro da Sé pouco se destaca, coroando um modesto esporão fluvial, de encostas suaves, à excepção da vertente NO que se precipita abrupta sobre o rio Pavia.

Aqui, o substrato geológico é constituído por granito porfiróide, com tendência para a disfunção, dando origem a grandes blocos arredondados, actualmente pouco visíveis, já que a presente fisionomia do cume reflecte o arrasamento e aplanamento empreendido nos finais do período imperial romano. Os elementos que confirmam e sustentam a im-

plantação de um povoado proto-histórico no Morro da Sé são múltiplos e distintos quanto à sua natureza e procedência. Contamos com um leque informativo gerado pela acumulação de registos, decorrentes de acções de escavação e acompanhamento arqueológico, realizadas em diferentes pontos do centro histórico, que originaram o achado de contextos bem preservados, bem como de espólio em deposição secundária (Figura 1).

Nestas circunstâncias contam-se as recolhas de material cerâmico efectuadas no Antigo Mercado 2 de Maio, Rua D. Duarte, Praça D. Duarte, Rua Nossa Sr.^a da Piedade, Rua do Comércio, Rua Direita n.º 172/176 e n.º 229, Largo da Misericórdia e Rua do Chantre.

Mais frutíferas se revelaram as escavações nos nºs 1/3 da Praça D. Duarte, na Rua do Gonçalves, Museu Grão Vasco, Rua D. Duarte nºs 60/66, na Rua Sr.ª da Piedade nº 24/28, no nº 107 do Largo Mouzinho de Albuquerque, no Paço Episcopal e na Calçada de Viriato e zonas envolventes, permitindo a identificação de níveis preservados desta época, nos quais se destacam construções de cariz doméstico e defensivo.

CONTEXTOS HABITACIONAIS

Os vestígios de arquitectura doméstica reportam-se a seis pontos, localizados no Museu Grão Vasco, no nº 1/3 da Praça D. Duarte, na Rua do Gonçalves, no nº 24/28 da Rua Sr.ª da Piedade, no Paço Episcopal e Calçada de Viriato e zonas envolventes.

Os trabalhos de caracterização e avaliação patrimonial no Museu Grão Vasco, desencadeados no âmbito do projecto de remodelação do edifício, concentraram-se na escavação do claustro Oeste. Esta revelou a complexidade estratigráfica característica dos espaços urbanos, evidenciando várias fases de ocupação, à primeira das quais correspondem vestígios atribuíveis à II Idade do Ferro. Reportam-se a este momento um reduzido conjunto de testemunhos estruturais de carácter doméstico e respectivos contextos de ocupação e destruição, escalonados em patamares desnivelados.

Estabelecida no patamar mais elevado, a estrutura 12 correspondia à fundação de uma cabana de planta tendencialmente circular, definida por uma fiada de pedras de granito, assentes directamente no substrato rochoso, prolongando-se sob a parede Sul do pátio. Por sua vez, a estrutura 13 desenvolvia-se no patamar intermédio, registando-se os seus vestígios em negativo, através de um sulco delimitativo que traça os limites circulares do piso sobre a alterite granítica, bem compactada e nivelada. O referido piso, com 4,5m de diâmetro, era formado por uma camada de argila, com 0,10m de espessura, perfurada pela implantação de dois buracos de poste.

Já a inclusão da estrutura 11, nas fases de ocupação do sítio revela-se problemática. Trata-se de um forno de produção de cerâmica, de cronologia imprecisa, reduzido à câmara de combustão, de planta circular, constituída por placas de argila cozida sobre blocos graníticos, com pilar central e revestida com argila refractária. Muito embora os factos não autorizem a integração deste elemento nos níveis de

ocupação proto-históricos, esta não deverá, contudo, ser descartada.

Voltando à análise dos vestígios habitacionais, o testemunho mais oriental situa-se sensivelmente a meio da Rua do Gonçalves, onde, sob um nível de entulhos, se encontrava um piso de argila, ao qual se associavam restos cerâmicos de fabrico manual. Contudo, apesar deste achado fixar uma coordenada fundamental quanto à extensão do povoado, a exiguidade da área intervencionada não permite caracterizar a estrutura em termos de dimensão e planta.

A Este, no nº. 1/3 da Praça D. Duarte, assim como no nº 24/28 da Rua da Sr.ª da Piedade, identificaram-se estruturas semelhantes. Estes dois pavimentos correspondem a um conglomerado compacto de argamassa de argila, encerrando fragmentos de cerâmica manual e elementos carbonosos. Também aqui, o reconhecimento da planta original foi inviabilizado, desta feita, por factores pós-deposicionais. Na Rua Sr.ª da Piedade 24/28, os vestígios do pavimento apontam para que a cabana se encontrasse adossada a um bloco granítico de grande dimensão. Na área correspondente à Calçada de Viriato e zonas envolventes, identificou-se um conjunto de estruturas habitacionais, com plantas indefinidas, correspondendo a um muro de cantos arredondados (Cabana 1) e um muro associado a um sulco, dois buracos de poste e fragmentos de um pavimento (Cabanas 2 e 3). Estas estruturas corresponderiam a três cabanas, pertencentes a dois momentos de edificação cronologicamente sucedâneos, ambos quase certamente a rondar o século III a.C.

O espaço interior da Cabana 1 é definido por um muro, com cerca de 4m de comprimento, distribuindo-se, junto a esta, alguns fragmentos de piso de argila e uma estrutura de combustão. A Oeste desta, a cerca de 2m de distância, identificou-se uma segunda habitação (Cabana 3), de planta tendencialmente circular, definida por uma fiada de pedras graníticas de pequena dimensão e reaproveitando um fragmento de mó giratória. Esta assentava, parcialmente, sobre um sulco, semicircular, com cerca de 20cm de largura, associado aos vestígios de um pavimento em argila cozida, devendo tratar-se de uma pequena vala de fundação para a inserção de troncos ou outro tipo de materiais perecíveis, que formariam uma paliçada (Cabana 2).

Os materiais exumados associados a estas cabanas são na sua maioria cerâmicos. Contudo, destacam-se igualmente os elementos de adorno, com especial

referência para as contas de colar de pasta vítrea, uma conta oculada e uma fibula, demonstrando influências mediterrânicas, trazidas pelo comércio colonial. Não podemos deixar de mencionar a presença de um fragmento de bordo de um lêkythos, cujo estudo, da responsabilidade de Sara Almeida, revelou uma origem ática, tratando-se de um recipiente de óleos perfumados, com uma utilização quase exclusivamente funerária e raramente exportada para fora da Ática (Figura 2).

Alguns dos exemplares cerâmicos decorados associam impressões de uma ou mais de uma matriz, mostrando grande variedade de motivos de carácter geométrico ou fitomórfico, sendo disso exemplo a técnica da estampagem com combinações diversas de S, círculos concêntricos e triângulos com ou sem besantes, demonstrando uma certa tradição hallstática. Surgem ainda fragmentos cerâmicos com uma matriz inspirada nas arrecadas celtibéricas, datáveis do século I a.C., conhecidas como arrecada de apêndice “em cacho”. A presença destas diversas temáticas demonstra a contemporaneidade e miscigenação dos influxos culturais atlânticos, mesetânicos e meridionais.

Paralelamente às estruturas de carácter habitacional, cabe sublinhar a descoberta de onze fossas/silos abertas no saibro, de planta tendencialmente circular, fundo plano, paredes ligeiramente côncavas e com diâmetros que variam entre 0 1,20m e os 2,20m, atestando a proximidade e coexistência entre áreas de vocação laboral e doméstica. Esta proximidade poderá evidenciar estruturas de armazenagem mais particularizadas ou familiares, ligadas ao consumo imediato dos habitantes do povoado.

Junto à Cabana 1 identificou-se um conjunto de estruturas negativas que terão servido primitivamente para o armazenamento de alimentos, tendo sido, posteriormente, cortadas pela Fossa 34, com 3m de diâmetro e 1,46m de profundidade, que as terá reaproveitado como entradas de ar. Esta destaca-se do conjunto pela sua dimensão, características morfológicas e complexidade.

Ainda durante a Idade do Ferro, esta estrutura foi preenchida por sucessivas camadas sedimentares e selada por um piso decorado, com fragmentos cerâmicos incorporados. Pela sua complexidade, é-nos difícil avançar no momento com uma hipótese concreta quanto à sua funcionalidade, parecendo-nos, porém, que se trata de uma estrutura de armazenagem de excedentes de produção, adaptada

a estrutura de combustão, possivelmente, um forno de cozedura de um alimento nobre, o pão, reutilizado, mais tarde, como lareira. Com o decorrer dos anos, a população terá sentido necessidade de reorganizar este espaço. Desta forma, sobre o piso foram-se sobrepondo sucessivas camadas de conglomerados compactos de argamassa de argila, com fragmentos de cerâmica manual, sementes, pregos, pedras de pequena dimensão e uma elevada quantidade de carvões associados. A destruição e remodelação de estruturas semelhantes encontram-se atestadas pela recolha de inúmeros fragmentos de piso de cabana, alguns deles apresentam duas camadas sobrepostas, testemunhando reparações e reformas nas construções habitacionais, sendo igualmente admissível que alguns, com indícios de escorificação, possam provir de lareiras (Figura 3 e 4).

Esta realidade é também testemunhada no Paço Episcopal, intervenção que comprova irrefutavelmente a ocupação sidérica da zona mais ocidental do esporão fluvial, onde se insere o povoado. Aqui, os testemunhos desta presença desenvolvem-se em duas áreas, aparentemente, distintas, correspondendo uma a um espaço de estruturas negativas do tipo fossa/silo e outra associada a estruturas de cariz doméstico (pisos de cabana).

CONTEXTOS DEFENSIVOS

Em 1999, na Rua D. Duarte, no âmbito do acompanhamento arqueológico à abertura de uma vala, foi identificada uma estrutura escavada na rocha, com cerca de 0,50m de largura e 0,50m de profundidade, com materiais cerâmicos de cronologia proto-histórica na camada 1 do enchimento. Considerando a reduzida área de intervenção, não foi possível aferir mais dados relativamente às suas dimensões reais, morfologia e conseqüente funcionalidade. Só mais tarde, em 2007, com a intervenção arqueológica realizada no interior do edifício nº 60-66 da mesma rua, foi possível compreender que estaríamos perante um tramo do fosso, com uma pendente acentuada de Oeste para Este e um desnível de 3m, que delimitaria o povoado proto-histórico. Já em 2008, na intervenção realizada no nº 107 do Largo Mouzinho de Albuquerque, foi possível identificar um outro tramo, com características muito semelhantes às do primeiro. Neste caso, a estrutura orienta-se de NO-SE, com cerca de 1,20m de largura por 2,20m de comprimento e uma profundidade

variável entre os 0,90m e 1,20m. Ambos os tramos apresentam um perfil subtrapezoidal, paredes ligeiramente oblíquas e o enchimento bastante homogéneo. O espólio procedente do entulhamento do fosso corresponde quase inteiramente a artefactos cerâmicos, enquadráveis nas produções indígenas da II Idade do Ferro, constituído por peças de fabrico manual, com pastas compactas e razoavelmente depuradas, de matriz granítica. As peças mais completas denotam uma escassa diversidade morfológica, circunscrita a recipientes fechados, lisos e de médio porte, destinados ao armazenamento, serviço e confecção de alimentos.

O facto de não terem sido detectados vestígios materiais de época romana nos níveis de entulhamento do fosso, levanta a hipótese de ter havido uma reorganização do espaço ainda durante a II Idade do Ferro. Como qualquer fosso, este foi implantado considerando as condições do terreno, contornando os acidentes geológicos de forma a reforçar a defesa, em zonas de maior vulnerabilidade, e tendo em conta o desnível topográfico pouco acentuado. Gostaríamos ainda de destacar o facto do recinto amuralhado atravessar a vertente NO do Morro da Sé a uma cota altimétrica tão inferior à do próprio morro, sugerindo que o povoado proto-histórico se desenvolveria pelo menos até esta zona. Por outro lado, poderemos estar perante duas linhas defensivas, uma a uma cota superior, com um perímetro reduzido e outra a uma cota inferior, delimitando a totalidade do castro?

Partindo do pressuposto de ser uma única linha defensiva, não nos parece, de momento, razoável que a comunidade deste castro se decidisse pela condenação desta linha de entrincheiramento, num momento tão recuado, a não ser que esta fosse substituída por um novo perímetro de defesa, mais amplo. Em alternativa, a dar-se o entulhamento da estrutura por ocasião da integração do sítio sob domínio romano, é possível que esta presença não se fizesse notar no conteúdo dos aterros utilizados.

ARA

Durante um longo período de tempo, discutiu-se a questão das origens remotas do nome de Viseu, nem sempre com grande rigor. O achado da ara, no âmbito das obras na Calçada de Viriato e zonas envolventes, vem contribuir decisivamente para a

solução do problema, permitindo reconstituir o topónimo pré-romano (Figura 5).

Trata-se de um altar de carácter votivo, em granito, de grandes dimensões [101cm x 43,5cm x 34,5cm], apresentando um elegante capitel com frontão triangular, toros laterais e, no seu topo, um fôculo, destinado às libações dos crentes que aí queimariam essências em honra das divindades invocadas.

Em termos gerais, é um monumento bem proporcionado, que revela um trabalho de canteiro notável, cuja qualidade conta com escassos paralelos na região das Beiras.

O estudo, efectuado por Luís Fernandes, revelou que o texto documenta uma invocação formular, certamente de carácter oral, às “deusas e deuses vissaienses”, numa formulação que poderá ser equivalente à do latim *diis deabusque* e expressões similares, bem documentadas na Península Ibérica.

Tendo em conta o epíteto utilizado (*vissaiigobor*), que remete para um nome de lugar, a ara teria sido consagrada às divindades locais, protectoras de uma localidade chamada *Vissaium*, eventualmente ligada a uma entidade étnica de nome *Vissaienci*. Na última linha, a fórmula *u(otum) s(oluit) l(ibens) m(erito)* assinala que *Albinus*, o dedicante, cumpriu o voto feito às divindades, ou seja, a promessa de lhes colocar um altar, caso respondessem às suas preces.

CONCLUSÕES

Reportámos aqui as intervenções arqueológicas que forneceram dados mais significativos do ponto de vista contextual e estrutural sobre a implantação do castro proto-histórico em Viseu, estimando que este se desenvolveria numa extensão de cerca de 12ha, comprovando assim de forma inequívoca a importância que Viseu teve como pólo central, numa época em que as elites locais se encontravam numa fase de apogeu.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Sara (2005), *A Idade do Ferro no Planalto de Viseu: o Caso do Morro da Sé*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Coimbra (policopiado).

FERNANDES, Luís; CARVALHO, P. S.; FIGUEIRA, N. (2008), Uma nova ara votiva de Viseu (Beira Alta, Portugal), *Syllogue Epigraphica Barcinonensis (SEBarc)*, volume VI, pp. 185-189.

FIGUEIRA, Nádía (2008), *Prestação de Serviços de Escavação e Acompanhamento Arqueológico de Obras da ViseuPolis – 3ª Campanha: Calçada de Viriato e Zonas Envolventes em Viseu*, Relatório Final, IGESPAR, policopiado.

PERPÉTUO, João (2002), *Museu Grão-Vasco, Viseu – Sondagens e Escavações Arqueológicas de Avaliação e Acompanhamento*, Relatório Preliminar, policopiado.

SANTOS, Carla (2008), *Construção de edifício no Largo Mouzinho de Albuquerque nº. 107 (Centro Histórico de Viseu)*. Relatório Final, IGESPAR, policopiado.

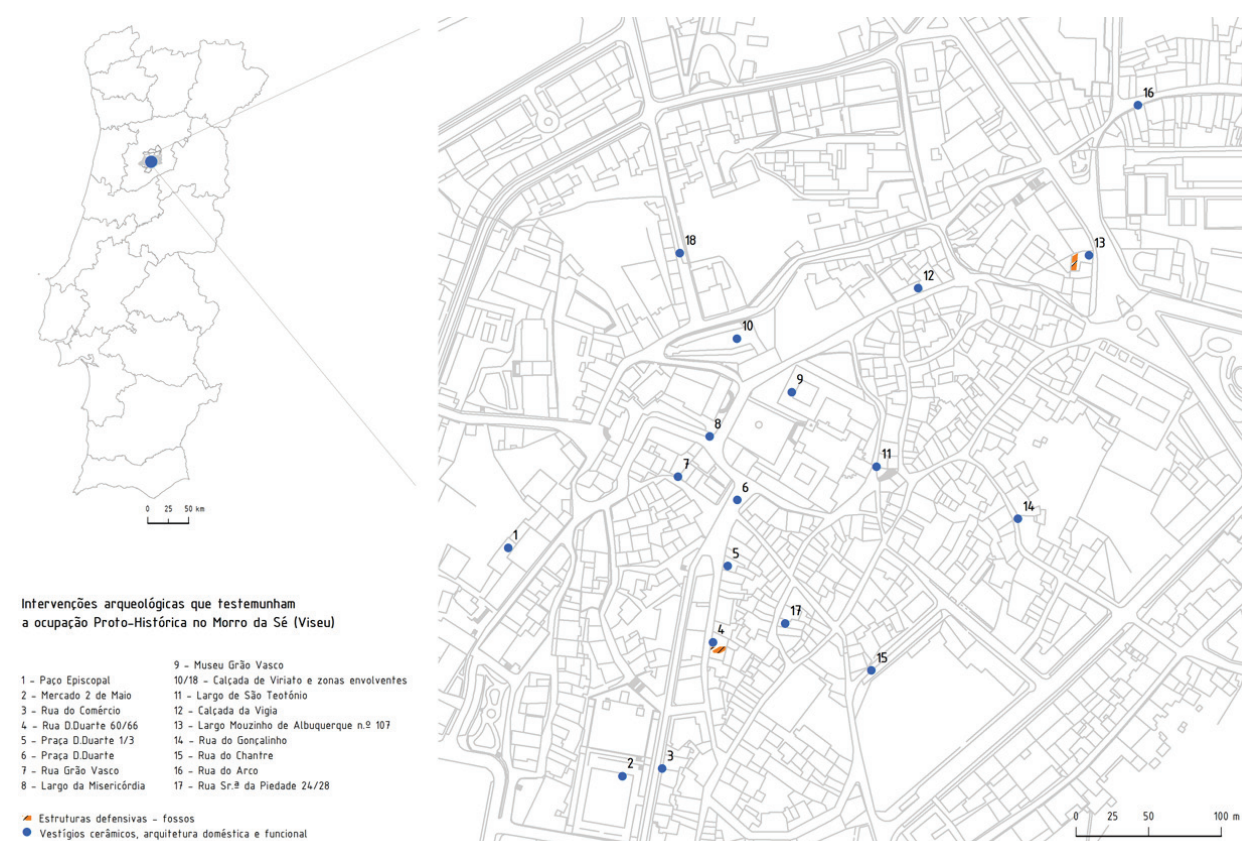


Figura 1 – Mapa das intervenções arqueológicas desenvolvidas em Viseu.



Figura 2 – Fragmento de lèkythos.

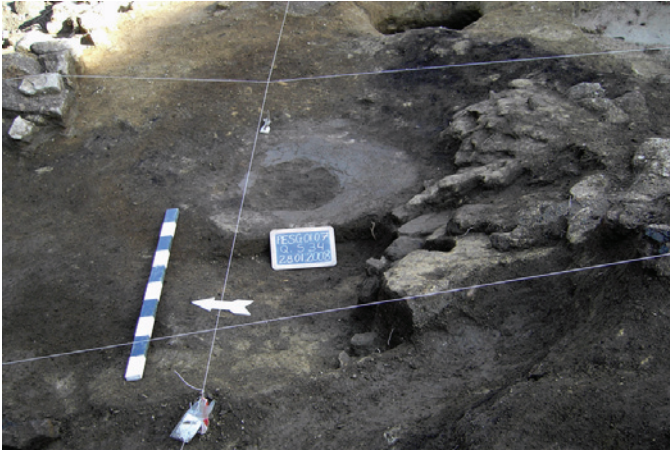


Figura 3 – Calçada de Viriato. Piso decorado com sucessivas remodelações.

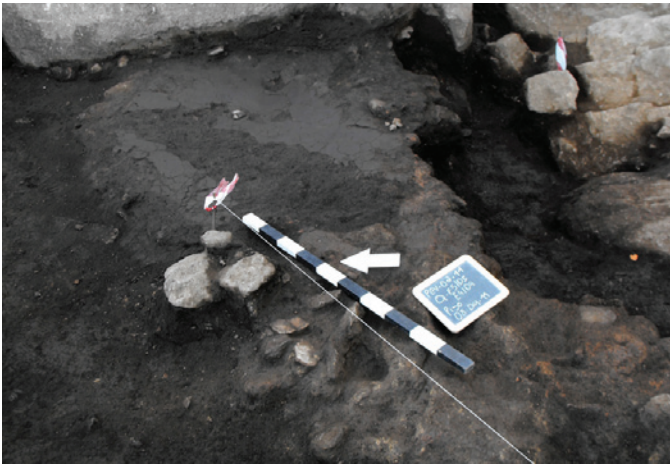
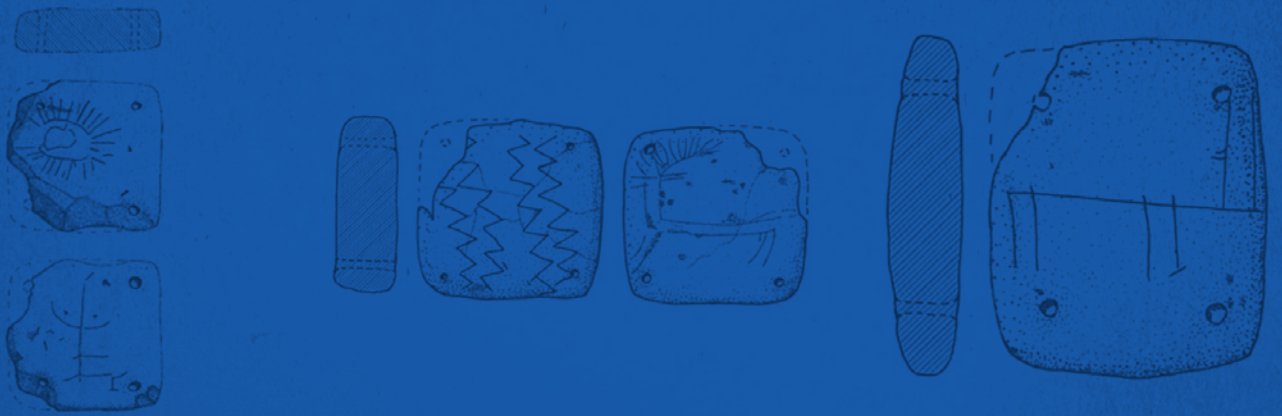
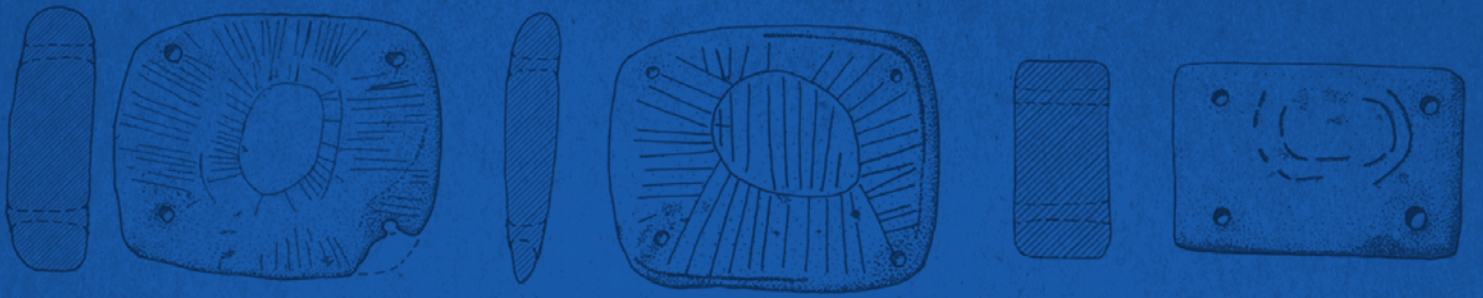
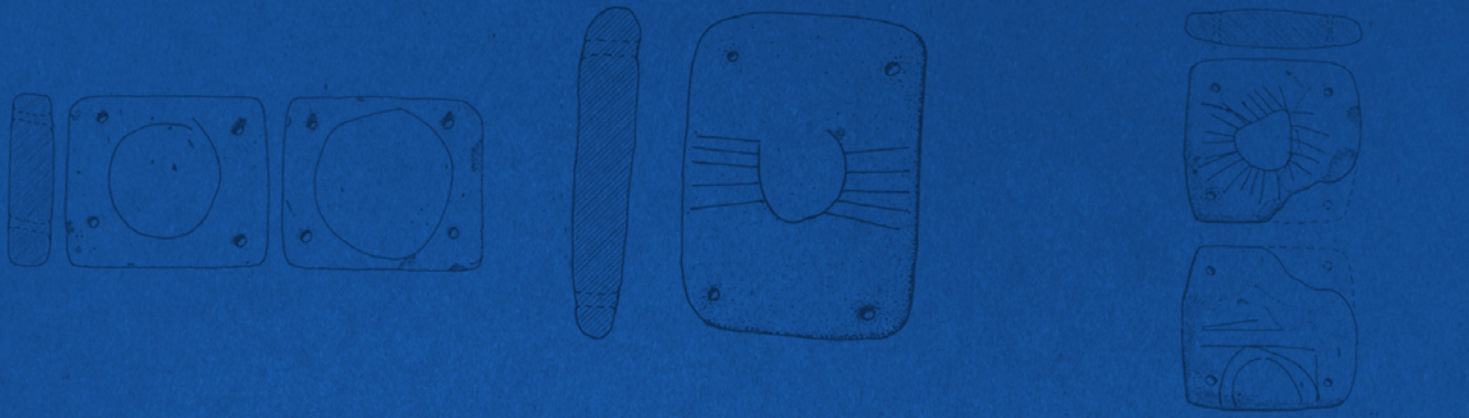


Figura 4 – Paço Episcopal. Pormenor do piso decorado de cabana.



Figura 5 – Ara votiva.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
bcp

BNP
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
PORTUGAL


Parques de Sintra
Monte da Lua